

Rio Capital

Paulo Rabello de Castro

O conflito armado na Rocinha cumpriu dupla finalidade involuntária.

Abalou os cariocas a ponto de denunciar nossa folclórica paciência diante da violência do dia-a-dia.

E despertou, no resto do Brasil, um sentimento de solidariedade e de cumplicidade de todos na busca de soluções.

A principal vítima na sangrenta sexta-feira “santa” foi Telma, uma bonita mineira, recém-instalada na cidade, que vibrava com a oportunidade de viver na “Cidade Maravilhosa”. A selvageria do ato, aliada ao sacrifício inútil de vidas no altar da estupidez humana, derrubou finalmente, a barreira defensiva que nos impedia de partir da indignação para a ação, pelo menos “alguma ação”, algo a ser feito, individual ou coletivamente, em prol dos sobreviventes da tragédia em curso, quando não em homenagem aos mortos desta guerra civil autofágica.

Algo a fazer. Mas o quê? Por trás das bondosas e educadas entrevistas dos principais responsáveis pela manutenção da lei e da ordem, e da evasiva participação dos governantes envolvidos, o saldo -- por enquanto -- desse novo despertar são apenas declarações do tipo lugar-comum na coleção de “providências urgentes” que não nos levarão senão a mais um armistício provisório, tão frágil quanto um cessar-fogo entre palestinos e israelenses. Mas, no meio do nada em que se transformaram as muitas declarações oficiais, surgem sinais de vida emocional e intelectual no nosso Rio de Janeiro. Quando a jornalista Hildegard Angel lançou, logo na seqüência da tragédia da Rocinha, um repto pela erradicação das favelas que abrigam, nos seus intestinos, os focos armados da bandidagem e os centros de distribuição de drogas, a sociedade carioca pôs em marcha, a partir dessa corajosa iniciativa, um ponto de corte, uma linha divisória, não de anos, de quatro décadas isto sim, entre a mediocridade que nos governa hoje e a capacidade uma vez demonstrada por um outro Rio de Janeiro de ser realmente maravilhoso, não só por sua inapagável beleza natural mas, sobretudo, pela histórica liderança desta cidade na condução de processos novos de desenvolvimento, que o resto do Brasil nunca se cansou de imitar.

Esse Rio de Janeiro ainda existe, por baixo do couro curtido de quarenta anos de perda de auto-estima -- profunda perda, jamais compensada pela assunção de qualquer outra cidade brasileira, à condição de espelho cultural do País.

O Rio é Brasil. O Brasil ainda será Rio, por muitos e muitos anos, pelo bem ou para o mal. Se para o mal, a imagem caída do Rio corrói, num só flagrante da Rocinha das balas

traçantes, todo o penoso esforço de um ministro de Fazenda, em palestras no exterior, de tentar baixar o "risco-Brasil".

O Brasil oficial erra feio quando não investe numa virada moral e econômica do Rio de Janeiro. Isso precisa mudar. Em benefício de todos os brasileiros. Mas antes é preciso investir num movimento de Cariocas pelo Rio. Os índios desta tribo precisam mostrar saber cuidar dos seus próprios interesses. Para começar, traçando idéias ao invés de balas luminosas. Faltam idéias realmente criativas, ou recriativas de antigas soluções ainda válidas. Como a inspirada idéia de uma reestruturação do espaço urbano nas favelas. Depois, persistência. Cariocas não podem deixar para depois o protesto que podem fazer hoje. Governante tem que governar. Ou sair. E não só. Um governante não pode brincar com os sentimentos do povo. O sentimento é de resgate da liderança do Rio como Capital. Uma ressurreição da antiga capital, só que do coração do Brasil. Um projeto Rio Capital corresponde a reconquistar o lugar desta cidade no centro dos acontecimentos positivos do País.

Depois de uma Sexta de Paixão, só uma Ressurreição como milagre necessário. É preciso acreditar. É possível fazer acontecer. É urgente pensar e agir, para o Rio ressurgir. Ressurgir pelo samba. Como Orfeu. Mas também pela ciência. Por seus centros de pesquisa. Ressurgir pela simpatia. Praia, música, futebol. Ressurgir pelo trabalho. Porto livre. Centro financeiro. Meca do entretenimento. Uma Jerusalém da religiosidade. Cidade amiga do progresso. Cidade cidadã. Centro brasileiro de alegria e de esperança. Ponto futuro. Rio reto na sua sinuosidade. Rio ressurecto. Viva o Rio, capital cordial do Brasil, mito e imagem dos povos do Sul.

